



A avaliação psicológica no Brasil: revisão bibliográfica da literatura brasileira

The Psychological Evaluation in Brazil: Bibliographic Review of Brazilian Literature

Evaluación Psicológica en Brasil: Revisión Bibliográfica de Literatura Brasileña

Samara de Oliveira Moreira Gomes  
Centro Universitário Farias Brito, Brasil

RESUMO

O Conselho Federal de Psicologia – CFP –, pontua a avaliação psicológica como um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações dos fenômenos psicológicos e relação do indivíduo com a sociedade. Este estudo teve como objetivo analisar o papel da observação e entrevista psicológica para a prática da avaliação psicológica e discutir a incidência das pesquisas sobre o tema numa perspectiva histórica. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, através da revisão da literatura científica produzida no Brasil, veiculada através da mídia eletrônica, Scielo, Pubmed e capítulo de livros sobre o referido tema, sem recorte temporal. Os resultados demonstraram que independente do seu campo de atuação, é de fundamental importância que o psicólogo tenha conhecimento e domínio da avaliação psicológica devendo refletir aspectos históricos, socioculturais do sujeito avaliado.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Papel Da Observação e Aspectos Éticos.

ABSTRACT

The Federal Council of Psychology – CFP – points out psychological assessment as a technical-scientific process of data collection, studies and interpretation of information on psychological phenomena and the individual's relationship with society. This study aimed to analyze the role of observation and psychological interview for the practice of psychological assessment and to discuss the incidence of research on the subject in a historical perspective. The method used was bibliographic research, with a qualitative approach, through the review of the scientific literature produced in Brazil, published through electronic media, Scielo, Pubmed and book chapters on the aforementioned topic, without time frame. The results showed that, regardless of their field of activity, it is of fundamental importance that the psychologist has knowledge and mastery of psychological assessment, which should reflect historical, sociocultural aspects of the evaluated subject.

Keywords: Psychological Assessment; Note Paper e Ethical aspects

RESUMEN

El Consejo Federal de Psicología – CFP – señala la evaluación psicológica como un proceso técnico-científico de recolección de datos, estudios e interpretación de informaciones sobre los fenómenos psicológicos y la relación del individuo con la sociedad. Este estudio tuvo como objetivo analizar el papel de la observación y la entrevista psicológica para la práctica de la evaluación psicológica y discutir la incidencia de la investigación sobre el tema en una perspectiva histórica. El método utilizado fue la investigación bibliográfica, con 2 enfoque cualitativo, a través de una revisión de la literatura científica producida en Brasil, publicada a través de medios electrónicos, Scielo, Pubmed y capítulos de libros sobre el tema mencionado, sin marco de tiempo. Los resultados mostraron que, independientemente de su campo de actuación, es de fundamental importancia que el psicólogo tenga conocimiento y dominio de la evaluación psicológica, la cual debe reflejar aspectos históricos, socioculturales del sujeto evaluado.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Papel de notas e Aspectos éticos.

1 Introdução

Problematizar o grande campo da avaliação psicológica é algo que se faz necessário, pois historicamente, a realidade profissional mostrava diversas problemáticas quanto a condutas inadequadas deste campo de atuação, conforme destacou (Cohen et al.2014). No entanto, esta realidade vem mudando significativamente e, principalmente, no âmbito nacional com a atuação intensa do Conselho Federal de Psicologia nos processos de fiscalização, bem como com a colaboração de pesquisas na área a fim de subsidiarem os suportes científicos (CFP, 2013).

Para Primi (2003) e Repold (2011) as pesquisas mais recentes assinalaram o quanto são necessárias práticas avaliativas de caráter igualmente compromissado com princípios éticos e responsáveis sem que haja a reprodução de desigualdades ou exclusões sociais. Isto tendo por base experiências passadas que reverberam até hoje na atuação profissional do psicólogo.

Leal (2008) pontua que para compreender a amplitude da avaliação psicológica é preciso entendê-la dentro de uma perspectiva de atuação do psicólogo e da psicóloga em que responsabilidade, ética, compromisso e pesquisa precisam caminhar sempre juntos. Este conjunto se diferencia da maneira como cotidianamente cada pessoa avalia sua realidade.

No campo do senso comum, o processo de avaliação ocorre a cada momento, a todo instante e se constitui como um mecanismo de sobrevivência no qual se pode inserir na sociedade. Já no campo da cientificidade, este processo se diferencia por se estabelecer a partir de elementos técnico-científicos que permitem trazer outros olhares para a realidade (Alchiere & Cruz, 2010, p:38).

O profissional deve ter o olhar para além da superficialidade, por isso, o psicólogo enquanto profissional do cuidado, no uso da avaliação psicológica pode trazer à tona questões profundas acerca dos fenômenos psíquicos mediante técnicas com bases científicas capazes de facilitar a tomada de decisões (Tavares, 2000).

Por conta dos aspectos mencionados, o intuito desse trabalho será analisar os principais modelos de avaliações psicológicas visando assim o melhor entendimento do leitor acerca do tema proposto, tendo como objetivo buscar na literatura a importância individual de cada parte que compõe a avaliação dando ênfase para o principalmente para a observação e entrevistas que se fazem primordiais quando feito o processo em qualquer espaço, instituição ou área de atuação.

2 Metodologia

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa narrativa, onde teve como principal foco desenvolver um arcabouço teórico que pudesse abranger o tema proposto tendo como princípio artigos que fossem brasileiros e abordassem exclusivamente a avaliação psicológica e todo processo que ocorre para que seja possível a realização dessa ferramenta em diferentes ambientes, mas sempre prezando pela qualidade e ética do processo.

Com isso, a pesquisa bibliográfica se encaixou perfeitamente na proposta de reunir uma gama de estudos e depois classifica-los para que fosse possível abordar de maneira científica o tema e, conforme Sousa et al. (2021) a pesquisa científica é um processo que envolve investigação e solução de uma problemática nesse caso a avaliação psicológica a bibliográfica em específico, os autores pontuam ainda que o autor “busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada.

Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto”.

Quando se trata de um modelo de pesquisa narrativa pode-se mencionar alguns aspectos característicos desse modelo já que se entende como uma proposta mais abrangente que necessita de uma constante reflexão, mas sem deixar de lado o foco e objetivo que se faz presente em um estudo narrativo, prezando sempre pelos princípios que regem uma pesquisa científica (Sahagoff, 2015).

Dentre os critérios de inclusão para a realização dessa pesquisa estão os estudos que necessariamente cite a respeito da avaliação psicológica no Brasil, capítulos de livros, monografias e periódicos que tenham sido pesquisados em plataformas confiáveis como Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando-se dos descritores: avaliação psicológica, papel da observação, aspectos éticos e, entre os critérios de exclusão estão estudos duplicados, estudos que não sejam compatíveis com a temática e artigos que tenham sido publicados fora do Brasil.

3 Resultados e Discussão

A análise dos estudos acerca da avaliação psicológica no Brasil aconteceu em quatro momentos afim de contextualizar e possibilitar um melhor entendimento sobre o assunto, no primeiro momento se fez necessário abordar a respeito da história da avaliação psicológica na contemporaneidade já que para que se pensar a respeito da necessidade da avaliação é necessário entender o contexto histórico que a mesma está inserida, logo após foi abordado acerca de aspectos éticos que permeiam o campo da avaliação já que ao se tratar de testes psicológicos o código de ética é bastante claro quanto a conduta do psicólogo que é responsável pela avaliação.

Outro ponto bastante importante e que foi discutido nesse estudo foi a tal prática no contexto hospitalar já que se faz necessária dependendo da demanda apresentada e, a partir disso um manejo diferenciado por parte do profissional da psicologia é de extrema importância visto que de acordo com a demanda o trabalho se diferencia e, por último viu-se a necessidade de abordar aspectos relacionados a observação e importância da entrevista durante o processo, pois no que diz respeito a avaliação psicológica a bateria de testes aplicados são considerados parte do processo que envolve a entrevista como um dos principais pontos que antecedem a aplicação dos testes.

3.1 Reflexões sobre a avaliação psicológica hoje

Segundo Alchieri e Cruz (2010) diversas pesquisas nos últimos anos vêm mostrando avanços ocorridos na área da avaliação psicológica, especificamente no Brasil e conseqüentemente um aumento de interesse na área por psicólogos e psicólogas, porém, precisamos destacar que quando se fala em avaliação psicológica é necessário entender que assim como pode ser de muita ajuda, também pode causar danos, principalmente quando não é administrada de forma responsável.

Ruenda (2011) questiona até que ponto o psicólogo brasileiro tem o conhecimento preparado para então poder exercer de forma consciente e ética o embasamento teórico, técnico e de qualidade. Destacando que:

Excessos e equívocos provocados pelos profissionais ou vieses que atendem a interesses de pessoas, grupos ou organizações precisam ser controlados e evitados, procurando minimizar a perda de credibilidade que vem afetando a Psicologia e os psicólogos, principalmente aqueles envolvidos em processos avaliativos (Trombeta, 2014, p.11).

É importante ter muita clareza que a avaliação psicológica na prática profissional não deve ser resumida a aplicação dos testes, jamais. Isto condiz a um pensamento equivocado acerca da real amplitude das avaliações psicológicas. Fonseca (2011) ressaltou que os testes psicológicos são de extrema importância muitas vezes no processo avaliativo, mas não constituem por si a avaliação psicológica em si. São apenas instrumentos de apoio, assim como as entrevistas, por exemplo.

Historicamente, muito houve o entendimento incorreto de que aplicar testes era necessariamente fazer avaliação psicológica o que levou a pensamentos equivocados sobre a dimensão desta (Pasquali, 2010).

A isto, levou-se em consideração que em muitas aplicações de testes psicológicos havia diversos erros teóricos, de leitura dos mesmos, dos resultados obtidos e, conseqüentemente, das decisões tomadas. Nem é preciso dizer quem foi a mais afetada com isso, foi a sociedade, é claro.

Vale ressaltar a importância do próprio CFP (2013), no sentido de regularizar as práticas de avaliação psicológica, principalmente na criação do SATEPSI e em resoluções que normatizaram os próprios processos de avaliação psicológica. Alguns dados, por exemplo nos mostram como houve a intensificação das

fiscalizações em relação aos testes psicológicos “nos últimos cinco anos, o número de testes avaliados praticamente dobrou. 214 testes foram submetidos à avaliação, 77 avaliados como desfavoráveis (35,9%), 114 favoráveis (53,2%) e 23 em processo de análise (10,7%)” (Pasquali, 2010, p.48).

A atuação do CFP (2013) através do SATEPSI tornou-se mais significativa nos últimos anos contribuindo amplamente com a profissão e beneficiando a sociedade. Isto porque dá importância à qualidade dos instrumentos psicológicos utilizados pelos profissionais. Afirmou-se que avaliação psicológica não se resume a aplicação de testes. No entanto, quando em seu processo avaliativo, valer-se da utilização deles, é necessário compreender que a qualidade instrumental é obrigatória.

Os testes precisam ser bem avaliados, examinados por especialistas e a metodologia escolhida pelo psicológico a partir da abordagem e finalidade que deseja naquele processo. Os resultados obtidos bem como os procedimentos de tomada de decisões são de inteira responsabilidade do psicólogo (Urbina, 2007).

Para Souza (2017) é importante sinalizar também a importância das instituições de graduação em Psicologia na atenção à disciplina de avaliação psicológica, principalmente levando em consideração a qualificação do corpo docente, das ementas atualizadas, da carga horária, das supervisões, dos conteúdos e pesquisas, além de estarem embasadas em princípios éticos, como o Código de Ética do Psicólogo.

Para Wechsler (2001) a profissão de Psicologia tem que verificar que as questões éticas em diversas práticas profissionais, principalmente em avaliação psicológica, são muito contraditórias, principalmente por se uma profissão que prima pela ética e o cuidado. Isso significa dizer que quando se traz à tona as questões éticas dentro das práticas profissionais da Psicologia, é preciso pensar não somente dentro de um campo meramente teórico, mas pensá-lo dentro de uma perspectiva pragmática em que questões como comprometimento e responsabilidade social emergem tal como necessários.

Souza (2017) enfatiza que trazer este debate é fundamental principalmente porque põe em xeque a dívida histórica que a Psicologia deve à sociedade até porque se construiu enquanto ciência a partir do referencial do ajustamento, da normatividade e do atendimento a parcelas mais privilegiadas

economicamente. Ainda segundo a autora, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 10% da população detém 47% da renda, o que significa que grande parcela da populacional não possui recursos financeiros para acessar os serviços prestados pela Psicologia.

Conforme destacou Trombeta (2014) no estudo intitulado “avaliação psicológica: compromisso ético, técnico e político”: “avaliar para decidir, para encaminhar, para orientar, para sugerir, para propor, para intervir, para planejar ações e contribuir com trabalhos de equipe multi, Inter ou transdisciplinar é de vital importância tal ação do psicólogo”.

Em sua pesquisa, Borsa (2016) destacou que a Psicologia enquanto ciência e profissão têm que está respaldada por princípios éticos que a possibilitem desenvolver suas ações de forma socialmente responsável, pois a má utilização dos instrumentos psicológicos pode trazer danos sociais irreversíveis. Inclusive, as condutas profissionais inadequadas incorrem de crimes, principalmente quando não há menor respaldo científico e compromisso social e ético com quem busca os serviços psicológicos.

Hutz (2002) nos mostrou que incorrer contra os princípios éticos na profissão, além de criminosos, perpetuam e reproduzem as patologizações, individualizações das problemáticas e descontextualizam os envolvidos no processo. Isto reflete o que foi dito acerca da dívida histórica que a Psicologia possui em relação à sociedade, pois significa produzir ainda mais exclusões sociais.

Cunha (2003) ponderou que no âmbito desse debate, o bem da coletividade é o que as práticas psicológicas devem alcançar, pois já há um reconhecimento por parte da Psicologia que historicamente, principalmente no âmbito da avaliação psicológica, muitas lacunas e inconsistências teórico-práticas contribuíram para a imagem que a profissão passou ao longo das décadas.

Percebeu-se também que o reconhecimento das utilizações impróprias dos instrumentos psicológicos também foi um ponto positivo no sentido de se repensar as práticas profissionais sem que necessariamente a Psicologia perca sua identidade. Uma das questões históricas que a autora sinaliza é que mesmo com todo o debate travado atualmente acerca das práticas psicológicas, ainda se percebem muitas grades curriculares defasadas, principalmente relacionadas à avaliação psicológica. Além disso, a ideia de que os testes psicológicos ainda justificam muitas desigualdades sociais. (Morrison,2010).

A prática psicológica, para Cohen (2014) assim como os seus diversos campos de atuação, os aspectos da observação e entrevistas devem vir acompanhada de reflexões críticas acerca da tomada de decisões, levando-se em consideração as diferentes demandas e respeitando cada indivíduo e/ou grupo social na sua especificidade. A avaliação psicológica nada mais é que a compreensão de um fenômeno psíquico e, como tal, não pode e nem deve ser instrumento de manipulação para contribuir com segregações, patologizações e exclusões sociais.

3.2 Os Aspectos éticos na Avaliação Psicológica

O presente tópico pretende discutir a importância de uma ética estrutural em psicologia, destacando o estabelecimento de regras para a conduta da avaliação psicológica. No Brasil, segundo o (CRP-RJ,2014) o país detinha o maior número de psicólogos do mundo e com isso o psicólogo poderia ter dificuldades em lidar com situações no que se refere a conduta ética, relacionadas a diversificadas demandas experienciadas no seu dia a dia, tais como infrações éticas tendo alto nível de impacto social, principalmente numa sociedade como a nossa, entre as primeiras do mundo quando se trata de desigualdade social.

Nesse sentido, por se entender que historicamente a sociedade brasileira já vem com uma bagagem de muitas violações sociais, mais do que nunca a Psicologia tem a responsabilidade de combater isso até mesmo reconhecendo sua contribuição histórica para isso.

Para Anache (2011) um ponto bem significativo no que tange à utilização da avaliação psicológica, foi perceber que nas últimas décadas, mesmo que ainda de forma incipiente, pesquisas se desenvolveram as peculiaridades da população nacional. Isto para que haja o desenvolvimento de instrumental que esteja mais adaptado do ponto de vista transcultural ou mesmo da criação de instrumentos próprios oriundos de pesquisas brasileiras, já que muitos referenciais de testes psicológicos são de bases internacionais. A avaliação psicológica, bem como seus instrumentos de uso não são de forma alguma descontextualizados ou descompromissados socialmente.

Segundo Dallos (2010) embora saiba-se de todas as problemáticas de ordem ética que as práticas psicológicas, principalmente no âmbito da avaliação psicológica, se envolveram ainda há poucas pesquisas que trazem à tona estas questões, que problematizem e ajudem a reconfigurar este cenário da atuação em avaliação psicológica.

O comprometimento ético, social e científico são grandes pontos que a Psicologia enquanto ciência e profissão está em constante convergência. A avaliação psicológica neste contexto deve ser compreendida enquanto uma prática fundamental e socialmente engajada da Psicologia para contribuir com a diminuição das desigualdades e favorecer melhores qualidades de vida.

3.3 A avaliação Psicológica em contexto Hospitalar

No artigo de Remor (2019) intitulado: “**Avaliação Psicológica em Contextos de Saúde e Hospitalar**”, o autor apresentou que a intervenção psicológica começa – após a avaliação finalizada e identificado o diagnóstico, em conjunto com a equipe médica, para que em determinadas circunstâncias, a intervenção, segundo o mesmo pode, na verdade, ter iniciado mais cedo, com o próprio processo de avaliação.

O autor também ressaltou que é de fundamental importância perceber que embora a avaliação psicológica anteceder a intervenção clínica em saúde, a avaliação solitariamente também pode ser de algum modo um tipo de intervenção, refletindo assim, sobre a situação e que condições atuais poderiam desencadear tais processos de mudança, a fim de que, com a entrevista psicológica, de anamnese e a exploração do problema, os psicólogos e psicólogas possam ajudar o paciente/cliente a refletir ou a reavaliar aspectos do problema vivido ou da situação em que se encontra, tirando dúvidas, fazendo esclarecimentos, amenizando as preocupações que ocorrem no ambiente hospitalar e entrando em contato com as emoções, obtendo, então o chamado benefício terapêutico.

Para que assim, segundo Remor (2019) os psicólogos precisariam ter suas percepções acerca de quanto os provedores de serviços de saúde estão conscientes dos problemas relacionados aos pacientes e que tipo de tratamento o mesmo necessita. Sendo fundamental ainda fazer autoanálise de suas atitudes e expectativas sobre tais questões, bem como sobre o paciente no aqui agora.

Para Lazaretti (2007) Ao inserir-se no hospital: “as Psicologias tem como principal objetivo acolher e trabalhar com pacientes de todas as faixas etárias, bem como suas famílias, em sofrimento psíquico decorrente de suas patologias, internações e tratamentos”.

A população atendida e o contexto onde se dão os atendimentos, segundo o autor, também são muito diversificados, o que acaba exigindo da(o) profissional da Psicologia Hospitalar uma disposição a se debruçar sobre aquele contexto específico da vivência humana, em suas diferentes formas de apresentação: a criança, o adolescente, o adulto, o idoso, o paciente crônico, o psiquiátrico, a vítima de violência, o cirúrgico, o oncológico, entre outros.

3.4 O papel da observação e da Entrevista na Avaliação Psicológica

Avaliar é uma prática existente desde os primórdios da história de humanidade. Patto (2000) nos informa que esta prática, foi dentre outras, que conferiu aos psicólogos precioso valor social, frente a outros profissionais e também sociedade em geral.

Observar para Dallos (2010) é uma condição inerente ao ser humano e isso nos propicia garantias como segurança e a sobrevivências. A observação é uma técnica de pesquisa muito utilizada também para práticas científicas/áreas, sendo, portanto, um método de pesquisa ou ainda parte de outros métodos de pesquisa tais como as entrevistas, os estudos experimentais, estudos de casos e multi casos clínicos. As pessoas se observam o tempo todo e a si mesmas, por exemplo: observam nos outros os gestos, as expressões, atitudes, e obtendo assim muitas informações de maneira geral.

Cohen, Swerdlike e Sturman (2014) demonstram que os psicólogos de diversas áreas de atuação, utilizam a entrevista enquanto técnica e ferramenta de trabalho e parte do diagnóstico, tratamento, seleção para obter informações e tomar decisões sobre diferentes tipos de intervenção. Nunes (2005) pondera que a entrevista pode ter diferentes enfoques teóricos, abordagens como a psicanalítica, gestáltica e etc. Os aspectos importantes para avaliação psicológica são a sua estruturação e entrevista.

Quando se fala em entrevista, é importante sinalizar seu caráter amplo de abrangência. Constitui-se enquanto técnica muito utilizada para a obtenção de informações seja em caráter individual, seja de forma mais geral, como obtenção de informações de um grupo populacional, por exemplo. Isto significa que dependendo do contexto e de suas finalidades, seus objetivos podem variar (Araújo, 2007).

Na prática psicológica, esta técnica requer muita atenção e preparo do profissional, pois cada detalhe, em termos dos procedimentos, necessita, muitas vezes, de estudos extensivos. No caso do contexto de avaliação psicológica, a entrevista está intimamente ligada, sobretudo, a um acordo entre as partes envolvidas em que haverá o entendimento sobre algo de pelo menos uma delas.

Em termos de aplicabilidade, muitos processos de entrevistas requerem por parte dos psicólogos conhecimentos específicos a depender muito do contexto em que a entrevista esteja inserida. No artigo intitulado: A entrevista em avaliação psicológica de Santos (2014), nos revela que no contexto de psicodiagnóstico, há a necessidade do conhecimento de psicopatologia, critérios diagnósticos, manuais de transtornos mentais e de classificação de doenças, bem como entender sobre Psicologia do desenvolvimento. Em outros contextos, como a seleção de pessoal para determinada empresa, é necessário o conhecimento acerca de descrição de cargos, as habilidades e competências para o seu desenvolvimento e conhecimento sobre treinamento e seleção.

Em termos conceituais, a entrevista pode se apresentar de acordo com a abordagem, finalidade e contexto a qual esteja inserida. Tavares (2000 apud Santos, 2014) afirma que a entrevista se constitui enquanto um conjunto de técnicas investigativas, que se desenvolve com limitação temporal, facilitada pelo psicólogo, a partir de conhecimentos específicos e com finalidades de tomada de decisões, orientações.

Por esse motivo Almeida (2004) percebeu o quanto para a aplicação da entrevista são necessários conhecimentos de acordo com o contexto e finalidade específicos. Isto significa que trabalhar com entrevistas não se resume apenas em sua aplicabilidade, mas em todo o contexto que a subsidia e lhe dá respaldo teórico-científico e técnico capaz de haver resultados satisfatórios. É uma troca e muitas vezes quem sai ganhando é o entrevistado.

Vale ressaltar que o processo de avaliação psicológica abrange, além dos conhecimentos teóricos, uma série de procedimentos que, dependendo do contexto, serão fundamentais no processo avaliativo. A

entrevista é uma destas técnicas, a qual pode variar muito de acordo com a abordagem psicológica que seja dada a ela. Nesse sentido, pode ser utilizada apenas como recurso para se obter algumas informações até para definir quais serão os procedimentos posteriores durante o processo de avaliação psicológica.

Ainda segundo Santos (2014) a finalidade da entrevista em avaliação psicológica teve historicamente referenciais médicos, já que os primeiros instrumentos de avaliação buscavam mais as sintomatologias psicopatológicas. No entanto, com o passar dos tempos, esta concepção foi se tornando menos consistente, dando lugar para uma perspectiva a qual visava mais o esclarecimento sobre comportamentos, habilidades, pensamentos e formas de se organizar. Houve um salto gigantesco de saída da patologia para a subjetividade.

Em termos de finalidades, Santos (2014) destacou sete tipos de entrevista que foram:

- a) Entrevista diagnóstica; cuja finalidade é estabelecer o diagnóstico acerca do paciente ou cliente e, a partir de aí haver a indicação de uma forma de tratamento adequada de acordo com a psicopatologia apresentada.*
- b) A entrevista devolutiva, que busca devolver ao cliente ou paciente os resultados das observações encontradas durante a avaliação psicológica. É um tipo de entrevista presente em diversos contextos da prática do psicólogo.*
- c) A entrevista de encaminhamento; que se constitui no encaminhamento do paciente ou cliente para instituições e/ou profissionais que possam atendê-lo, dando continuidade ao tratamento. É muito presente em contextos clínicos, escolares e hospitalares.*
- d) Entrevista de intervenção psicoterápica; em que o paciente é ajudado em suas necessidades e mudanças que deseja e/ou consegue em seus comportamentos, é um tipo de entrevista menos estruturado e diretivo.*
- e) Entrevista de avaliação de pessoal, a qual está associada ao contexto organizacional e do trabalho, possui a finalidade de selecionar candidatos a vagas profissionais, levando-se em consideração o menos tempo e também menor custo.*
- f) Entrevista de desligamento, que visa avaliar os resultados obtidos após intervenções, geralmente no caso de psicoterapias, bem como o desligamento de um funcionário após o desligamento de um trabalho.*
- g) Entrevista de pesquisa, em que a finalidade é a obtenção de informações de um entrevistado ou entrevistado com fins de pesquisa.*

Quanto aos tipos de entrevista levando em consideração os aspectos formais e estruturais, Santos (2014) destaca três tipos: a) entrevista não estruturada, a qual se caracteriza pela sua configuração aberta ou com estrutura fechada mínima, que deixa o entrevistado com mais liberdade para expor suas opiniões e estas serem levadas em consideração. b) entrevista semiestruturada, que possui um foco principal definido e a partir dele o roteiro é construído. c) entrevista estruturada, estabelece-se a partir de uma estrutura prédefinida, em que há um roteiro a ser seguido. Neste tipo de entrevista, as questões se mantêm inalteradas e com as respostas sempre dentro do que se é pedido.

Trazida todas estas tipologias de entrevistas, percebe-se que não há um tipo mais adequado que outro, mas sim, o mais adequado em relação ao contexto dos objetivos que se quer alcançar. Em relação a isso, o profissional de psicologia deve ter mais atenção, principalmente quando se trata do campo da avaliação psicológica.

É consenso que a entrevista é o instrumento mais utilizado pelo psicólogo em suas práticas profissionais. E como tal dispõe de vantagens que permitem o alcance de muitas informações necessárias. A autora sinaliza que a versatilidade de sua aplicação em diferentes contextos de atuação profissional corresponde a uma vantagem.

Scheeffter (1997 apud Santos, 2014) indica algumas recomendações ao profissional de psicologia quando se trata da aplicação da entrevista seja em que contexto for: a) a criação de climas favoráveis à realização da entrevista; b) o entendimento de que o *rapport* é parte obrigatória do processo; c) Preparação e cuidado no ambiente que ocorre a entrevista; d) iniciar a entrevista quando o entrevistado se sentir à vontade; e) preparar-se previamente para a entrevista, nunca perdendo de vista os objetivos e finalidades desta; e f) ter o entendimento de que a entrevista não é um bate-papo, uma conversa.

Tais recomendações dizem muito sobre as posturas que o profissional deve ter mediante o entrevistado durante a entrevista. Isto significa que para além da entrevista em si, há todo um contexto de facilitação que permite com que ela se estabeleça de forma mais significativa, levando-se em consideração não somente o ambiente físico, mas as condutas do profissional durante o processo. Empatia e boa comunicabilidade também são atitudes que facilitam muito o bom andamento da entrevista.

É necessário também compreender que os conhecimentos psicológicos, habilidades do entrevistador e até a própria experiência profissional contam muito no momento da entrevista, pois representam domínio do que está sendo proposto. Além disso, o profissional estabelece estratégias que ponderem o bom andamento da entrevista já que quando se fala em ponderação, o profissional deve considerar quais os interesses em jogo na entrevista, as demandas levantadas e o que se pretende alcançar.

Observa-se que a entrevista quando bem administrada constitui-se em um instrumento por excelência nas mãos do psicólogo. Por isso é fundamental o processo de aprendizagem constante acerca deste instrumento de trabalho, principalmente no que tange ao contexto da avaliação psicológica, pois a entrevista constitui-se em um dos procedimentos básicos e bastante significativos na resolutividade do processo.

Tendo em vista esta discussão, considera-se de suma importância as entrevistas dentro do campo profissional do psicólogo, principalmente como instrumentos de apoio. No entanto, é necessário o entendimento que independentemente do tipo de entrevista, o profissional não pode perder o foco dos objetivos a que se propõe.

4. Considerações Finais

Por meio da revisão de literatura, mostramos que a avaliação psicológica é um processo técnico-científico pelo qual buscou-se a compreensão da dinâmica psíquica do indivíduo, corroborando com a pesquisa de Santos (2014) neste processo, em que o profissional se valeu de todo um conjunto metodológico que o permitia a tal compreensão. Sendo desta perspectiva conceitual da avaliação psicológica, bem como de sua relevância histórica, que as problematizações acerca de suas práticas vieram à tona.

Pondera-se que a necessidade do enfoque das práticas profissionais ligadas à avaliação psicológica deveu-se à sua amplitude não somente no que tange à sua prática, mas a sua dimensão conceitual. Isto porque, para diversos autores como Trombeta (2014), Patto (2000) e Dallos (2010) dentro da Psicologia, há a convergência de que a avaliação psicológica é um processo que se vale de instrumentos e técnicas apropriadas para a compreensão do fenômeno psíquico para que assim haja, posteriormente, a tomada de decisões. Portanto, notou-se a importância de se problematizar tal questão e verificar como os profissionais administram esta ferramenta tão importante no processo de tomada de decisões.

A observação e entrevista em quanto técnica, inclusive, podem ser utilizadas por equipes integradas multidisciplinares desde que não se valham de práticas exclusivas dos psicólogos e ainda quando se fala em psicodiagnóstico, maior atenção ainda, já que também é o psicólogo a ter total competência para desenvolvê-lo. Portanto, percebeu-se que o entendimento sobre avaliação psicológica é fundamental para o próprio processo de aplicabilidade. Isto significa entendê-la desde seu aspecto conceitual até sua importância social. E não a reduzir a um procedimento e também não o confundir com propósitos clínicos voltados a identificações de psicopatologias.

Alamy (2013) nos diz que as técnicas utilizadas nos atendimentos variam de acordo com as necessidades da tríade paciente/família/equipe e com os princípios técnicos e teóricos da(o) Psicóloga(o). Esse embasamento, segundo o autor, torna o trabalho sistematizado e científico.

Psicólogas e psicólogos que se aventuraram em um ambiente, inicialmente médico iniciaram um campo de trabalho inédito que vem se consolidando mais com a verificação do impacto da subjetividade na saúde e da possibilidade de enfrentamento do adoecer a partir do trabalho com a subjetividade realizado pela Psicologia. Enfim, gerando crescimento e o caráter diverso diferencia a especialidade da(o) Psicóloga(o) hospitalar e oportuniza desafios constantes, proporcionando crescimento profissional e a ampliação de conhecimentos.

Destacamos também que a própria promulgação da Psicologia enquanto profissão permitiu com que houvesse o desenvolvimento expressivo da avaliação psicológica. Aspectos relacionados à qualificação profissional e comprometimento forma significativos para o alavancar desta disciplina.

No entanto, também houve a manutenção indiscriminada da avaliação psicológica em muitos campos de atuação o que levava a maiores intervenções do Conselho Federal de Psicologia (CFP), inclusive, uma delas resultou na criação do Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI) que, de acordo com Alchiere e Cruz (2010), concentrou-se na melhoria da qualidade dos instrumentos psicológicos e disposição de uma lista de testes que apresentam evidências científicas para uso do profissional.

Destacou-se ainda que quando se fala em avaliação psicológica não tem como desmantelá-la de questões éticas, pois quando ocorre esta separação depara-se com inúmeras falhas nos processos avaliativos. Portanto, percebeu-se o quanto o comprometimento profissional deve ser um pilar para práticas psicológicas significativamente responsáveis.

Em relação a questões éticas, foi importante destacar as resoluções do CFP 002/2003, a qual define e regulamenta não somente a elaboração de testes psicológicos, mas também sua comercialização; e a Resolução CFP 007/2003, a qual deu um enfoque em relação aos documentos psicológicos elaborados, tais como pareceres, laudos, declarações e atestados psicológicos. Estas resoluções fundamentam se primordialmente em princípios éticos, já que é necessário nivelar as práticas profissionais a partir de normativas e princípios que tornem a atuação profissional mais referendada.

Tanto no que concerne ao SATEPSI quanto às resoluções do CFP aqui mencionadas, percebeu-se que elas trazem a preocupação de práticas profissionais significativamente comprometidas, pois ainda há grandes lacunas que separam teoria e prática no campo da avaliação psicológica. Isto significa que a postura profissional deve está amparada em parâmetros éticos e também de uma bagagem técnica e teórica capaz de compreender o sujeito dentro de sua dimensão psicossocial e não meramente uma análise sem finalidade.

Percebeu-se também, a necessidade de compreender a importância das formações continuadas em avaliação psicológica na formação do psicólogo, já que o aprimoramento constante colabora significativamente na prestação de serviços que o psicólogo desenvolve para a sociedade.

Santos (2014) sinalizou que a avaliação psicológica não deve jamais ser excludente e, muito menos, classificatória. Pelo contrário, deve ser vista enquanto um instrumento que visa à compreensão dos fenômenos psíquicos para o favorecimento de procedimentos psicológicos que ajudem o bem-estar do indivíduo.

Para finalizar, é importante destacar o quanto é necessária a qualificação profissional quando o foco é a prática da avaliação psicológica nos seus diversos contextos, porque os resultados refletem na sociedade. Certamente que o psicólogo e a psicóloga precisam ter o compromisso ético em primeiro lugar e isto significa pensar que a formação do psicólogo/a/es deva se amparar em competências tais que os problemas de má utilização da avaliação psicológica que geram problemas individuais e sociais, por vezes, irreversíveis, sejam eliminados e assim garantir atuações em avaliação psicológicas socialmente engajadas e comprometidas.

Referências

- Alamy, S. (2007). Ensaio de psicologia hospitalar: a ausculta da alma. In *Ensaio de psicologia hospitalar: a ausculta da alma* (pp. 309-309).
- Alchieri, J. C. (2003). *Avaliação psicológica: conceito, métodos e instrumentos*. Casa do Psicólogo.
- Anache, A. A. (2011). Notas introdutórias sobre os critérios de avaliação psicológica nas perspectivas dos direitos humanos. In: Conselho federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica: textos geradores* (p.17-20). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Araujo, M.F. (2007). Estratégia de psicodiagnóstico e avaliação psicológica. *Psicologia: Teoria e prática*, 9(2), 126-141.
- Borsa, J.C. (2016) Considerações sobre a formação e a prática em avaliação psicológica no Brasil. *Temas em psicologia*, 24(1), 131-143.
- Cohen, Swerdlik e Sturman, E.D. (2014). *Testagem e avaliação e avaliação psicológica: da teoria as aplicações*. Petrópolis: Vozes.
- Conselho Regional De Psicologia (2014). *Jornal do Conselho regional de psicologia do Rio de Janeiro*, ano 8, vol.36, fev. - abr. Disponível em: <http://www.crpj.or.br/publicacoes/jornal/jornail34.PDF>-Acesso em 07/12, /2014.
- Conselho Federal De Psicologia (2013). *Cartilha de Avaliação Psicológica*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Cunha, J.A. (2003). Fundamentos do psicodiagnóstico. In: *Psicodiagnóstico V* (p.1169). Porto Alegre: Artmed.
- Dallos, R. (2010). Método observacionais. In: G.M. Breakwell, S.Hammomd, C.FifeSchaw e J.A. Smith. (org.). *Métodos de pesquisa em psicologia* (p.134.155). Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca, C. M. de S. M. de S. *Avaliação psicológica e suas vicissitudes: a formação do psicólogo como foco*. In: Conselho Federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica: textos geradores*. Brasília: CFP, 2011.156p.
- Hutz, C. S. (2002). Responsabilidade ética, social e política da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 1(2), vii-ix.
- Lazaretti, C. (2007). Manual de Psicologia Hospitalar, CRP-PR. *Coletânea Conexão Psi*. Curitiba: Unificado.
- Leal, I. (2008). A entrevista psicológica: técnica, teoria e clínica. Lisboa: Fim de século.
- Morrinson, J. (2010). *Entrevista Inicial em saúde mental*. 3.ed (304p.). Porto Alegre: Artmed.
- Nunes, M.L. (2005). *Entrevista como instrumento de pesquisa*. In: M.M.K. Macedo e L.K. Carrasco (org.). *(Con) textos de entrevistas: olhares diversos sobre a interação humana*. (p.207-222). São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2010). Taxonomia dos instrumentos psicológicos. In: L. Pasquali. *Instrumentação psicológica: fundamentos e prática* (p.48-55). Porto Alegre: Artmed.

- Patto, M.H (2000). Para uma crítica da razão psicométrica. In: M.H. *Mutações do cativo: escritos de psicologia e política* (p.65-83). São Paulo: Hacker/Edusp.
- Primi, R. (2003). Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica*, 1,66-67.
- Remor, E.A. (1999). Psicologia da Saúde: apresentação, origens e perspectivas. *Psico*, 30 (1), 205-217.
- Reppold, C.T. (2011). Qualificação da avaliação psicológica: critérios de reconhecimento e validação a partir dos direitos Humanos. In: *Conselho Federal de Psicologia*. Ano da Avaliação psicológica: textos geradores (p.21-28). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Ruenda, F.J.M. (2011). Psicologia do Trânsito: Faz-se distinção no Brasil? In: *Conselho Federal de Psicologia*. Ano da avaliação psicológica: textos geradores (p.103-113). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Sahagoff, A. P. (2015). Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *XI Semana de Extensão, pesquisa e pós-graduação–SEPesq*. Centro Universitário Ritter dos Reis.
- Santos, S.G. (2014). A entrevista em avaliação psicológica. In: *Revista On-line IPOG Especialize*, ano 8,14 ed, v.01, Goiânia, setembro.
- Souza, A.de A.S. (2007). A formação do psicólogo para a prática psicológica. In: *Revista Online IPOG Especialize*, ano 8,14 ed, v.01, Goiânia.
- Sousa, A. S. de, Oliveira, G. S. de, & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43).
- Tavares, M. (2000). A entrevista clínica. In: J.A. Cunha (org). *Psicodiagnóstico V*. (p.45-56). Porto Alegre: Artmed.
- Trombeta, L. H. A. P. (2014). *Avaliação psicológica: compromisso ético, técnico e político*. Universidade Federal de Sergipe, UFS, n. 24, p. 213-225.
- Urbina, S. (2009). *Fundamentos da testagem psicológica*. Artmed Editora.
- Wechsler, S. M. (2001). Princípios éticos e deontológicos na avaliação psicológica. In L. Pasquali (Org.). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP* (Vol. 1: Fundamentos das técnicas psicológicas, pp. 171-193). São Paulo: Casa do Psicólogo, Conselho Federal de Psicologia.

Recebido: 05/03/2023 | Revisado: 30/04/2023
Aceito: 15/09/2023 | Publicado: 15/10/2023